

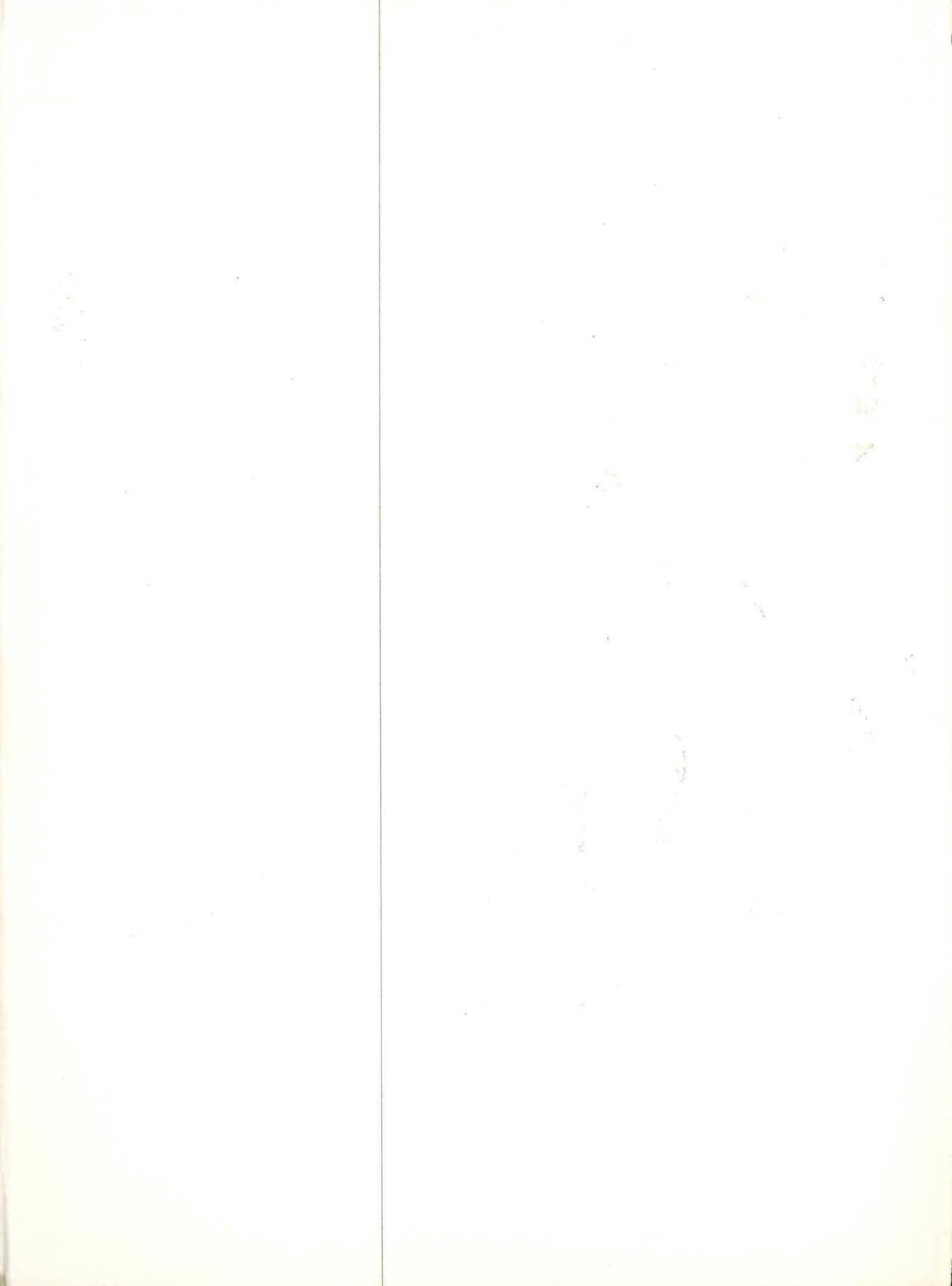
# OUTONIAS

poesia



134.3-1 Calçada

domingos da calçada







Para a Biblioteca Municipal de  
Barcelos, com o meu reconhecimento  
pelo impulso e incentivo que vem dando  
à cultura neste meio

Dez de Setembro de 1988

Domíngos Calçada

Autónias



Barcelos

Desenho da Capa de Margaret Ann Appleby Marelo (Maggi)

Perm.



DOMINGOS DA CALÇADA

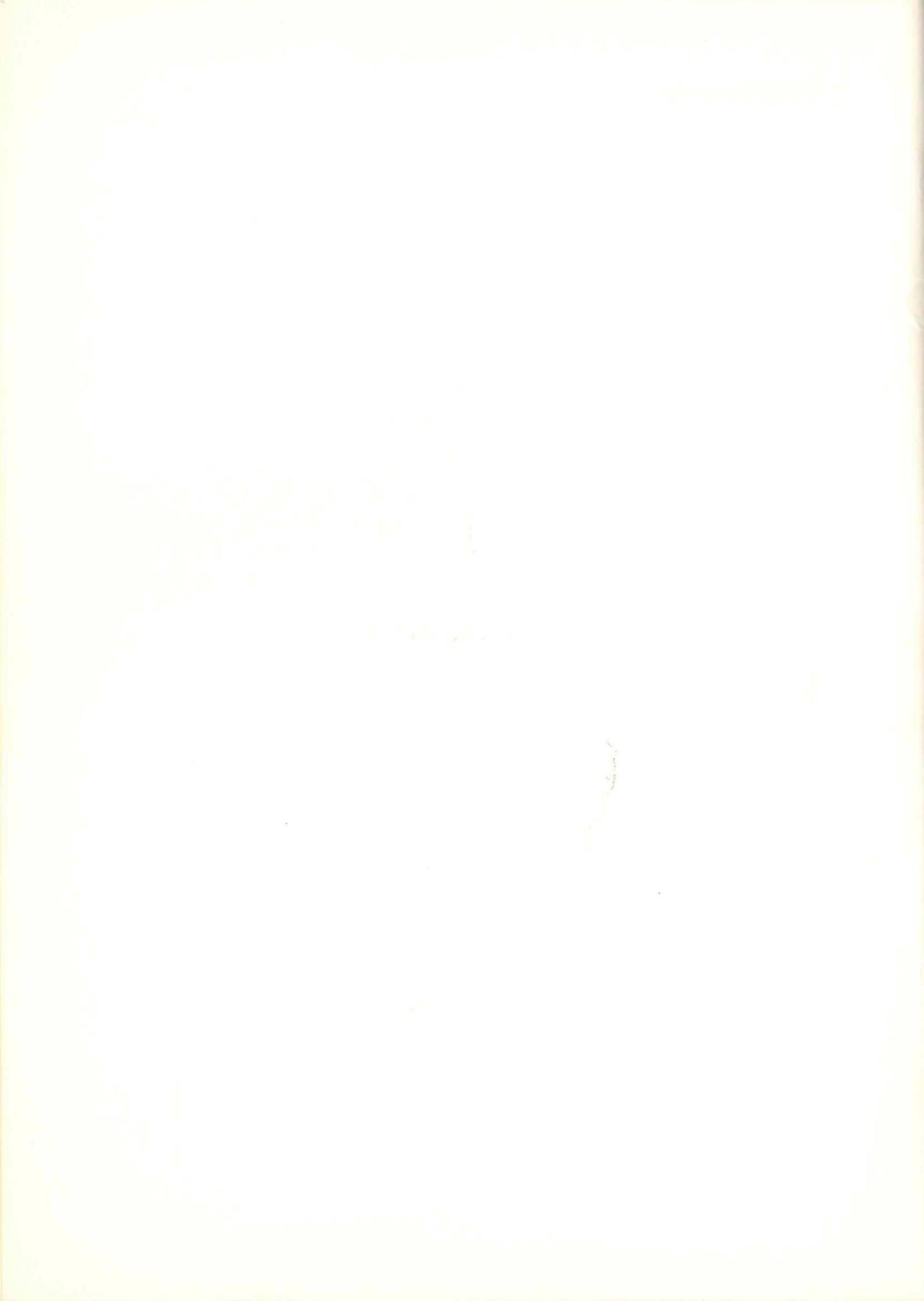
*Outonias*

poesia



I

*Sonetos*



## **Dedicatória**

São para ti os versos do livrinho  
que, neste dia, ponho em tua mão  
como penhor da minha devoção  
manifestada ao jeito dum carinho;

são para leres bem devagarinho  
um após outro, e sentirás, então,  
que cada verso vem do coração  
em terno arrolho, a segredar, baixinho.

Grito da escuridão desvirginada  
à luz da nossa eterna madrugada  
ou Lei talhada a fogo no granito,

o livro é um filho nosso, bem querido,  
e, cada verso, o grito dum vagido  
a ressoar em laivos de infinito!



## **Apresentação**

Irmãos Poetas, sou poeta novo  
ora chegado, que só vem dizer  
o que vos sobra há muito no saber  
— mais um Colombo a levantar um ovo.

Meu nome pouco importa. Vim do Povo  
e, por amor, lhe quero pertencer  
pois é da Origem que se é, por ser  
o Gene de raiz mais puro e covov.

Fui gerado num ventre puro e são;  
labutaram meus Pais com tal firmeza  
que transformaram seu suor em Pão

e trago pergaminhos de Nobreza  
herdada, que conservo no Brazão:  
— não tenho pão alheio em minha mesa!



## **Lágrimas**

Eu nunca fui capaz, querida Mãe,  
de escrever um poema para ti  
apesar de querer, mas não sei bem  
porquê, pois se tentei não consegui

dizer que desde sempre te senti  
no coração, presente como a alguém  
que nunca poderá sair dali  
— mesmo agora, que partes para Além!

Agora, então, agora que fechaste  
os olhos, com que tanto me beijaste  
no meigo olhar de calma e de ternura,

escrevo-te estes versos — dor e mágoa,  
suspiros deslizando em gotas de água  
que choro ao pé da tua sepultura.

*No funeral da minha Mãe — tarde de 3-3-86*



## **Malmequeres**

Uma criança loira, encantadora,  
em seu entretenimento pueril  
ao desfolhar — eu sei lá bem, às mil!  
— as pétalas, na mira sedutora

do *bem me quer*, vem despertar-me, agora,  
ouvindo-a em timbre dum risonho Abril  
— bem me quer... mal me quer... — o tom febril  
da vida, que nos foge em cada hora!

As pétalas que vejo desfolhar  
são dias, são as horas a passar,  
e nós nem meditamos, ó ilusão,

na vida — um desfolhar de malmequer,  
desperdiçando as pétalas, sem ver  
que só destroço nos ficou... na mão!



## **Canção eterna**

Havemos de compor uma canção  
harmónica, de estrofes bem sonantes  
que brotem da raiz do coração  
e do rumor das águas murmurantes;

tão quente como as horas escaldantes  
vividias sob um véu de escuridão  
de noites cor de rosa, delirantes,  
nos indizíveis transes de emoção.

Faremos a canção do nosso amor  
com toda a força e ânsia do calor  
do beijo que me deste, num abraço,

quando, o silêncio, relegando o medo,  
envolveu nossos corpos no segredo  
que guardas escondido em teu regaço.



## ***O meu soneto para ti***

Serás aquele sonho escultural  
que Fídias no seu génio idealizou  
e o Criador um dia burilou  
do frémito dum beijo abrasador?

— Não poderia um génio de escultor  
fazer-te, como às Vénus que sonhou  
pois nunca seu escopro cinzelou  
tal corpo resplendente a abrir em flor!

Nem de alabastro puro em cor leitosa  
faria lábios doces cor de rosa  
em rosto de olhos meigos, nem sequer

o timbre musical da tua voz  
nem as carícias que me dás, a sós,  
com todo o teu encanto de mulher!



## **Desencanto**

Sei lá se te dei sorte, ou a desgraça  
bateu na tua porta, de mansinho,  
ao jeito dum afago, do carinho  
que nos deixa um amigo, quando passa,

à hora em que surgi no teu caminho  
e fiquei preso na beleza e graça  
do teu semblante, que me prende e enlaça  
e não me deixa mais viver sozinho;

sei que não sou aquele que quiseste,  
— o beijo terno e doce que sonhaste  
ou mesmo a tua sorte merecida;

apenas um percalço que tiveste,  
pois, por teu mal, um dia me encontraste,  
mas sou, Amor, quem mais te amou na vida!



## **Diz lá...**

Diz lá quem foi aquele que te quis  
na vida, sobre todas as mulheres  
que conheceu, trocando seus prazeres  
por nova dimensão de ser feliz;

diz lá, quem só está bem onde estiveres,  
quem aprendeu contigo, de raiz,  
um hino que se sente e não se diz  
quando os teus olhos bradam que me queres!

Diz lá, quem sentes sempre, noite e dia  
no pensamento, em ânsia e nostalgia,  
numa oração, que rezas com fervor

e não te deixa vago o pensamento  
e em cada ausência choras, num lamento!  
Oh, diz-mo a mim, baixinho, meu Amor!



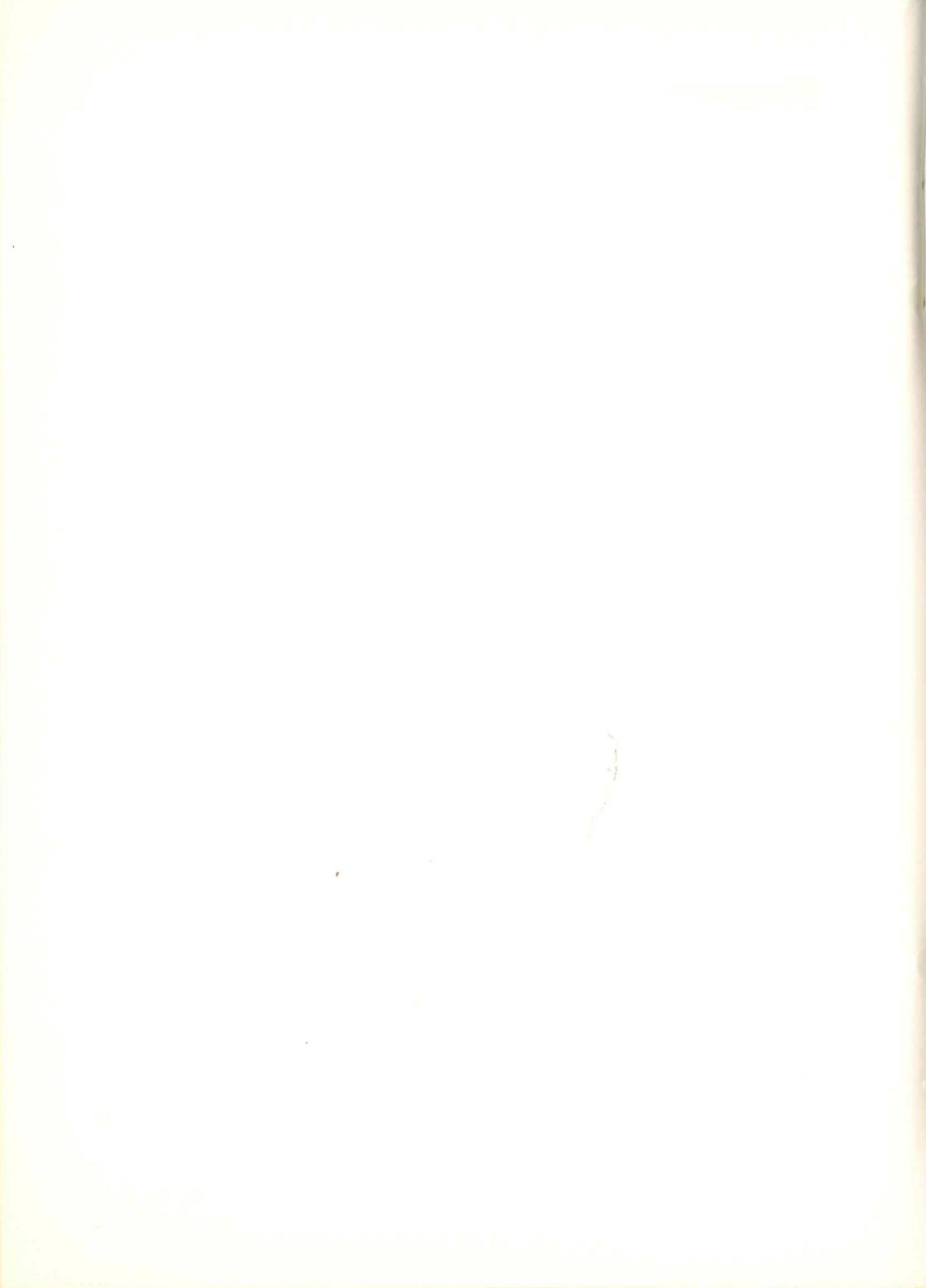
## **Mensagem**

Amar não é sentir no coração  
ardor em te sentir, em te abraçar,  
unir teu corpo ao meu, a palpitar  
em pura orgia de carnal paixão,

nem é manietar a tua mão  
no laço que não possas desatar  
pois, o Amor, não pode escravizar  
mantendo o ser amado em submissão.

Eu não te sei dizer o que é o amor  
mas sei que por amar, te querer tanto,  
a toda a hora sofro em ânsia, a dor

de não ter mais p'ra dar, sem receber  
de ti, que já me deste, meu encanto,  
o que nunca cheguei a merecer.



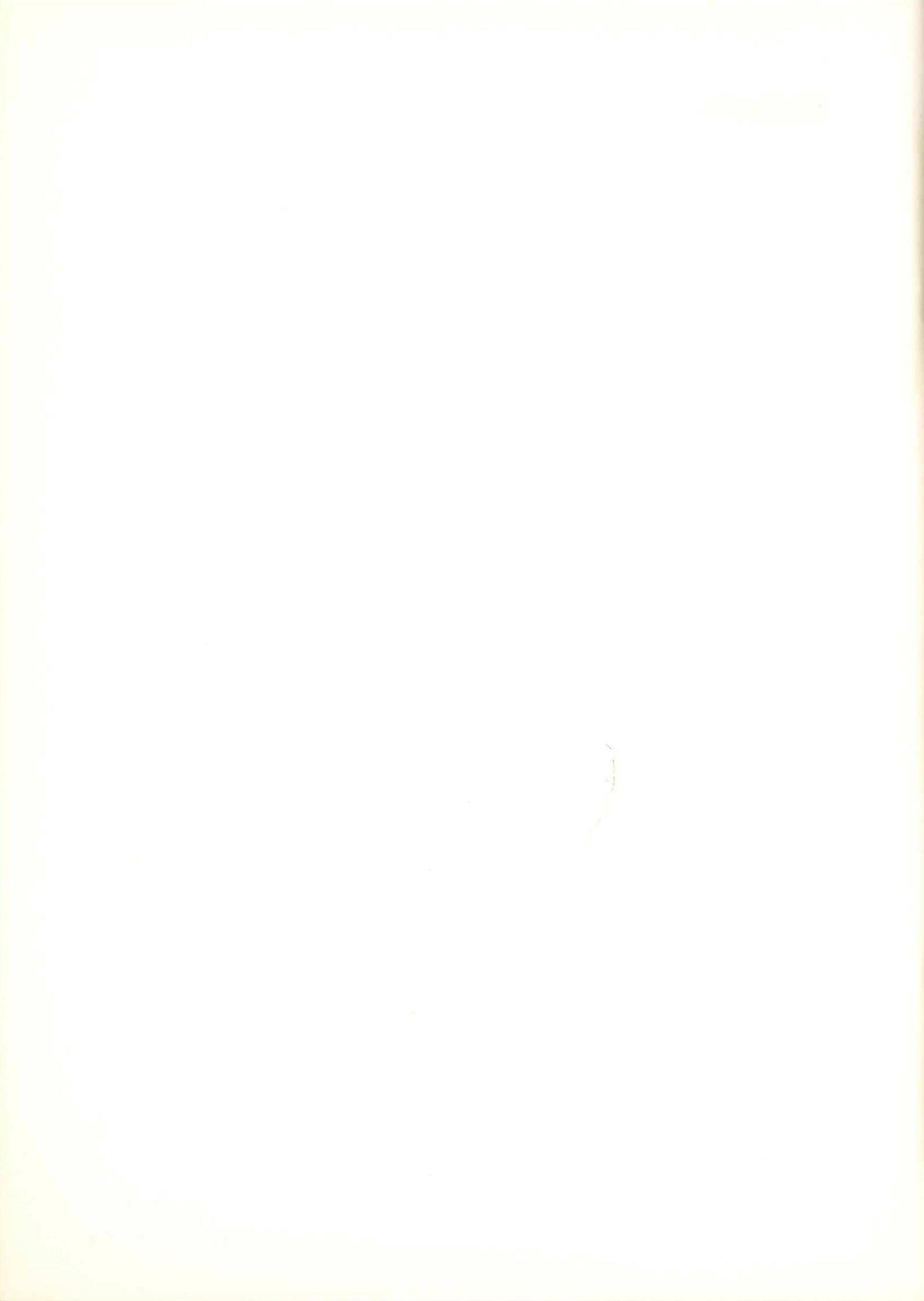
## **Colóquio**

As águas do meu Rio são luar  
de Agosto, esparso em notas cristalinas  
a passear no baixo das colinas  
do Vale que se espraia junto ao Mar.

E quando a brisa passa, em tremulinas  
o arvoredo, a remexer, no ar,  
tem gestos de volúpia, a entrelaçar  
os ramos, como leves dançarinas!

E o Rio, estampa, agora, com reflexos  
de cor e luz e traços desconexos  
num quadro irreal de sonho e de magia,

este mundo infinito da paisagem  
que nos deixa embebidos na miragem  
que não esqueceremos algum dia!



## **Setembro**

Vi tuas mãos esguias, ansiosas  
por uma fonte viva de calor  
como entoando preces fervorosas  
dum Salmo, em desespero sofredor.

Fitei teu rosto — belo como as rosas,  
de olhar vibrante e boca a abrir em flor —  
e nossas mãos tocaram-se, no amor  
das horas divinais, silenciosas.

Demos fogo a beber às nossas bocas  
— os beijos que sorveram como loucas  
das fontes em braseiro que juntámos,

por isso, agora, a sede de infinito  
ressoa na minh'alma, como um grito  
de sede... dessa sede que matámos!



## **Sina**

O vento geme? Chora? Dramatiza  
a triste sina, o fardo que transporta?  
— Sem ter poiso, vai, de porta em porta  
e só eu sei que dor o martiriza!

Bendizem-no, somente se desliza  
ameno e brando, leve como penas  
em horas de calma bem serenas  
e a todos refresca e balsamiza.

— Mas logo te desprezam, pobre vento,  
se choras, ao carpir no teu lamento  
a mágoa, a dor — inconformado, aflito.

Ó vento, neste mundo é tudo assim  
vês? Há um vulcão a arder dentro de mim  
e sofro... à espera de eclodir num grito!



## ***Persona non grata***

Passa o cavalo branco, lentamente,  
na pasmaceira duma freguesia  
em soalhosa tarde luzidia  
e causa um alvoroço em toda a gente;

drama insolente, surge à luz do dia:  
— um grupo de asininos, de repente,  
alevanta os focinhos, tristemente  
e zurra, num assomo de histeria.

Os malsinados burros lazarentos  
dão vaias ao corcel, com sentimentos  
dum ódio inconformista de vassalos

franzindo o cenho, de olhos cabisbaixos,  
na predestinação de vis capachos  
que nunca chegarão a ser cavalos!



## **Labirinto**

Esquece-te de mim. Eu já não sou  
aquele que na berma dum caminho  
achaste, sorumbático e sozinho,  
e, mais sozinho ainda, lá ficou;

agora, cenobita que deixou  
sem rasto o aconchego do seu ninho,  
dispenso toda a graça do carinho  
que, quando precisava, me faltou.

Há só um amor de Amor em cada vida.  
Que tens para me dar, arrependida,  
a mim, que me perdi? — Fiquei disperso

por todas as poesias que escrevi;  
lendo-as, verás que nunca te menti:  
— pus um pouco de mim em cada verso.



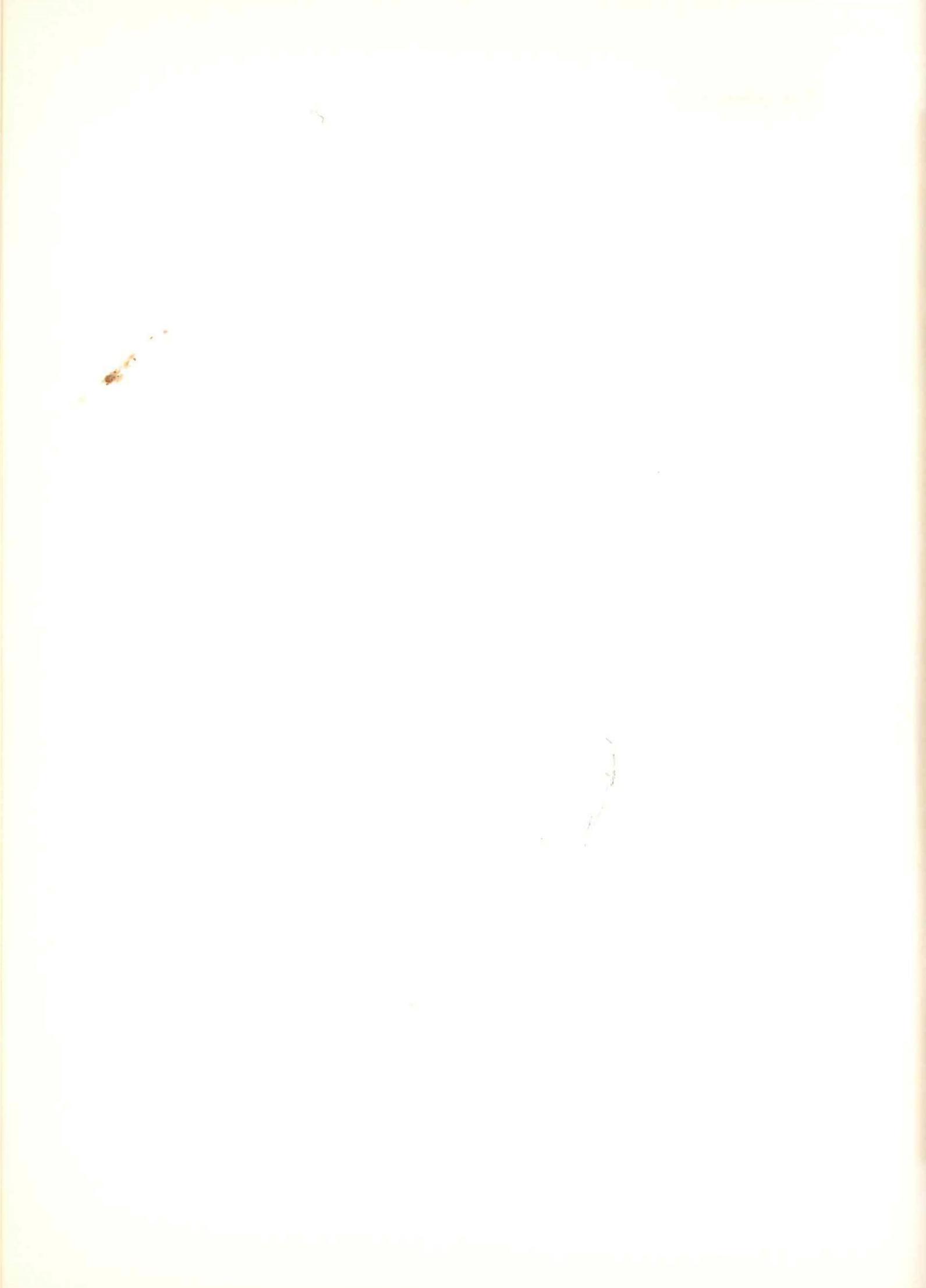
## ***Fingimento***

Repara no meu rosto macerado  
e triste, como dia nevoento  
— enigma de mistério indecifrado,  
folha outoniça a remexer ao vento.

Ninguém pode entender o sofrimento  
que meu sorriso vago, esbranquiçado,  
esconde no seu véu de fingimento  
para encobrir o coração chagado.

Às vezes, passo, altivo e sorridente  
e ninguém sabe o que minh'alma sente  
à sombra do sorriso com que minto

pois guardo, no meu peito, a dor atroz  
de não poder gritar em alta voz  
para desabafar tudo que sinto!



## **Afirmação**

Adoro-te, cantinho onde nasci,  
jardim de virgens flores perfumadas,  
sacrário aonde guardo as mais sagradas  
recordações das horas que vivi!

Foi por tanto querer-te, que sofri  
a dor de traiçoeiras punhaladas  
cobarde e rudemente perpetradas  
por esses a quem nunca o mereci!

Mas se me doi a dura ingratidão  
daqueles mesmos a quem dei a mão  
quando a procela os afundou na vida,

quero-te muito, quero-te ainda mais,  
— não como à selva infecta de chacais,  
mas como à minha joia mais querida!



## **Frustração**

Há sois que não chegaram a nascer,  
amor que não chegou a despontar,  
doçuras sem alguém saborear  
e beijos que se deram sem saber;

árvores que não chegam a crescer  
e asas que não chegam a voar;  
há corações que morrem sem amar,  
olhos que cerram, sem chegar a ver.

E há por esse mundo tantas fontes  
a estiolar, na solidão dos montes,  
sem terem visto o rio que sonharam

e lábios sequiosos, contorcidos,  
bem perto dos meus lábios ressequidos  
à sua busca... e nunca os encontraram!



## **Vaidade**

Ordeno à nuvem: — deixa o Sol passar!  
E ao vento: — acalma! E digo às avezinhas:  
— cantai! Acendo à noite a luz do luar,  
faço, das pedras, penas levezinhas!

Amaino a tempestade sobre o mar  
e, à Via-Láctea, cheia de luzinhas  
e às constelações (são todas minhas),  
quando as não quero, mando-as apagar!

Depois destes caprichos, digo agora  
à dor que me tortura: — vai-te embora!  
E a dor sorri, dizendo: — és meu escravo!

Então, acordo, louco da ansiedade  
do sonho, para o Reino da Verdade  
— sou como Job, sem ter ceitel nem chavo!



## **Chaga**

Vim hoje à praia para ver o mar  
— as ondas brincalhonas, no vai-vem,  
balbuciando frases que ninguém  
algum dia entendeu, para explicar.

Vim para vê-lo. Vim para provar  
a água das ondas, cujo sal contém  
recordações, docuras do meu bem  
há muito aqui deixadas a guardar.

Vim hoje. Bebi água, e, por meu mal,  
o mar salgado não sabia ao sal  
do Amor, mas a poeira ressequida

igual a cinza morta da fogueira  
onde queimei, numa ilusão fagueira  
o bem que não encontro mais na vida!



## **Síntese**

Meus versos são reflexos de luar,  
noites de breu, de insónia, de invernía,  
manhãs de sombra, sois de claro dia,  
poente vago, ou fogo a crepitar?

São neve de fazer enregelar,  
são astro-rei nas horas de acalmia,  
são gritos lancinantes de agonia  
ou bocas no silêncio a delirar?

Punhais que ferem? Horas dolorosas?  
Canções de Amor? São pragas rancorosas,  
véus de mortalha, dores ou carinhos?

— Vida Real — um calmo entardecer  
da Escola aonde vim para aprender  
que toda a rosa fere nos espinhos!



## II

### *Poesia libre*



## **Mar em fúria**

A minha poesia  
não é tinta  
salpicada  
num papel  
nem um conjunto  
de palavras  
sob um ritmo  
de magia,  
mas a dor  
que se transforma  
em sangue quente  
derramado  
em borbotões  
pelas feridas  
escavadas  
no mais íntimo de mim.

É grito  
de revolta  
incontrolada  
— mar em fúria  
de ondas bravas  
e selvagens  
como feras,  
que não cabem  
num limite  
espartilhado,  
no seu leito,  
e junto à praia,  
se arremessam  
— rancorosas,  
incessantes,  
uivando  
num sinistro  
desespero de agonia  
e se desfazem  
na teimosa arremetida  
contra a dura penedia!

## **Nostalgia**

Nos teus olhos tristonhos,  
sorumbáticos,  
não vejo os horizontes penetrantes  
da distância infinita,  
da clareira  
rasgada por impulsos de Alma Nova!

Há nuvens a torvar o Céu Azul  
que parecem pedaços de montanhas  
esfumadas,  
movediças,  
inquietais,  
formadas  
por um fumo a subir em espiral  
que sai da pira  
aonde foi sacrificado,  
em holocausto,  
esse tesouro  
que valia  
todo o ouro  
deste mundo!

Tremem-te os lábios róseos,  
e as tuas mãos de luar, esbranquiçadas,  
elevam-se,  
num gesto vagaroso  
e clamoroso  
a acompanhar teus olhos sequiosos  
num silêncio lancinante  
que nem te sei dizer  
nem cabe nestas notas de poema  
que te escrevo  
quando sinto  
o cheiro acre de chacais  
que fere como garras ponteagudas  
de feras desta selva em que vivemos!

## **Asas**

Liberdade  
é ter asas p'ra voar  
sem as deixar prender.

Liberdade  
é ter olhos para ver  
sem os deixar vendar.

Liberdade  
é vontade de querer  
saber dizer  
— eu quero  
— numa audácia destemida  
ainda que seu preço seja a vida,  
porque a vida, só vale  
se vivida  
p'ra vencer!

A vida é Liberdade  
em horizontes  
infinitos  
sem peias,  
sem tabus,  
sem preconceitos,  
sem algemas.

O Homem nasceu livre  
sem quaisquer limitações  
e Deus, seu Criador,  
ao dar-lhe inteligência  
dele fez maior  
que todos esses deuses  
que se querem arvorar  
em ditadores  
de leis de sujeição  
que só podem seguir ou aceitar  
almas medíocres  
sem Asas p'ra voar!

## **Balada**

Oh, Mãe,  
quando eu nasci  
tu encostavas  
num afago  
de ternura  
o teu menino  
pequenino  
contra o seio,  
contra ti...

Depois,  
quando eu chorava,  
logo, logo  
a tua mão  
tão levezinha  
refrescava  
a minha face  
e alisava  
os meus cabelos  
e encostavas  
o meu rosto  
lacrimoso  
contra ti...

Mais tarde,  
quando vias  
os meus olhos  
marejados  
pela dor,

já nem sequer  
me perguntavas  
o que tinha  
— recostavas  
o meu rosto  
contra o seio,  
contra ti...

E agora,  
que fugiste,  
que morreste,  
ao recordar-te,  
com saudade,  
venho aqui  
ao Campo Santo  
e, neste espaço  
de Oração,  
sinto o calor  
da tua mão  
a recostar  
o teu menino  
contra o seio,  
contra ti...

Mas brevemente  
quando os olhos  
se apagarem  
voltarei  
para ficar  
e então, terás  
o teu menino  
noite e dia  
sempre, sempre  
ao pé de ti...

## **Outonia**

Outono!  
As folhas pálidas  
enrolam-se no vento  
avidamente  
em voos de espiral  
e vão  
na busca de infinito  
em rodopios sensuais  
pela amplidão!

Que importa  
para elas,  
para o vento,  
se toda esta loucura de momento  
é uma vivência  
de futuro incerto  
e pouco duradouro?

As folhas querem ser entrelaçadas,  
abraçadas  
loucamente;  
querem dançar  
ao ritmo que sonhou  
a sua fantasia;

querem ser envolvidas  
no bulício fluído  
de arabescos  
invisíveis  
pelo espaço,  
num abraço  
abrupto e forte,  
não importando  
a sorte  
que vão ter  
se o vento se cansar, esmorecer!

E quando  
a lama  
um dia, as sepultar,  
quem lá passar  
e as vir,  
na solidão jacente do seu leito,  
há-de sentir  
que só para viverem  
a aventura efémera  
desse abraço forte  
já valeu terem nascido!

## **Desmistificação**

Diz lá  
pondo os teus olhos nos meus olhos  
que sentiste  
o adeus que me disseste  
quando disseste adeus...

Diz lá  
se realmente te esqueceste  
daquilo que me dizes  
que já te não recordas...

Diz lá  
se não vais mesmo repetir  
a via-sacra  
do calvário  
que subimos  
lado a lado  
e foi tão doloroso para nós...

Vê lá  
se tu consegues compreender  
que leio nos teus olhos  
as verdades  
escondidas  
nas mentiras  
que me dizes  
a falar verdade...



## **Será ?**

Será que, tu  
ainda, um dia, me dirás  
se foi amor  
o que, por mim, sentiste  
naquela noite  
em que nos encontramos?

Será que, tu  
ainda, um dia, me dirás  
se gostas das estrofes  
que escrevi  
só para ti?

Será que, tu  
ainda, um dia, me dirás  
se gostas da alvorada  
da eterna madrugada  
que gerou  
os filhos que te dei?

Será que, tu  
ainda, um dia,  
vais abrir  
ao sol  
as pétalas  
que não desabrocharam  
no roseiral de amor  
que trazes  
escondido em ti?

Será?



## **Macieza**

Até um dia  
eu nem sequer sonhava,  
não sabia  
que o sol nascia  
para toda a gente.

Vivia numa triste solidão  
a sós, comigo,  
a alimentar a pira onde queimava  
estoicamente  
aquilo que tivera de mais belo  
nesta vida!

Raiou, porém, um dia diferente  
em que, à noitinha,  
senti, num terno afago a tua mão  
amaciar a minha  
como se fossem penas de avezinha  
a deslizar...

E o sol reacendeu na noite escura  
num clarão de aurora,  
e a luz mantém-se viva, ainda agora,  
sem acusar declínios de Poente.

Vê lá, só duas mãos que se tocaram,  
transformaram  
a noite escura e triste, em pleno dia!  
Quem diria?



## **Poesia**

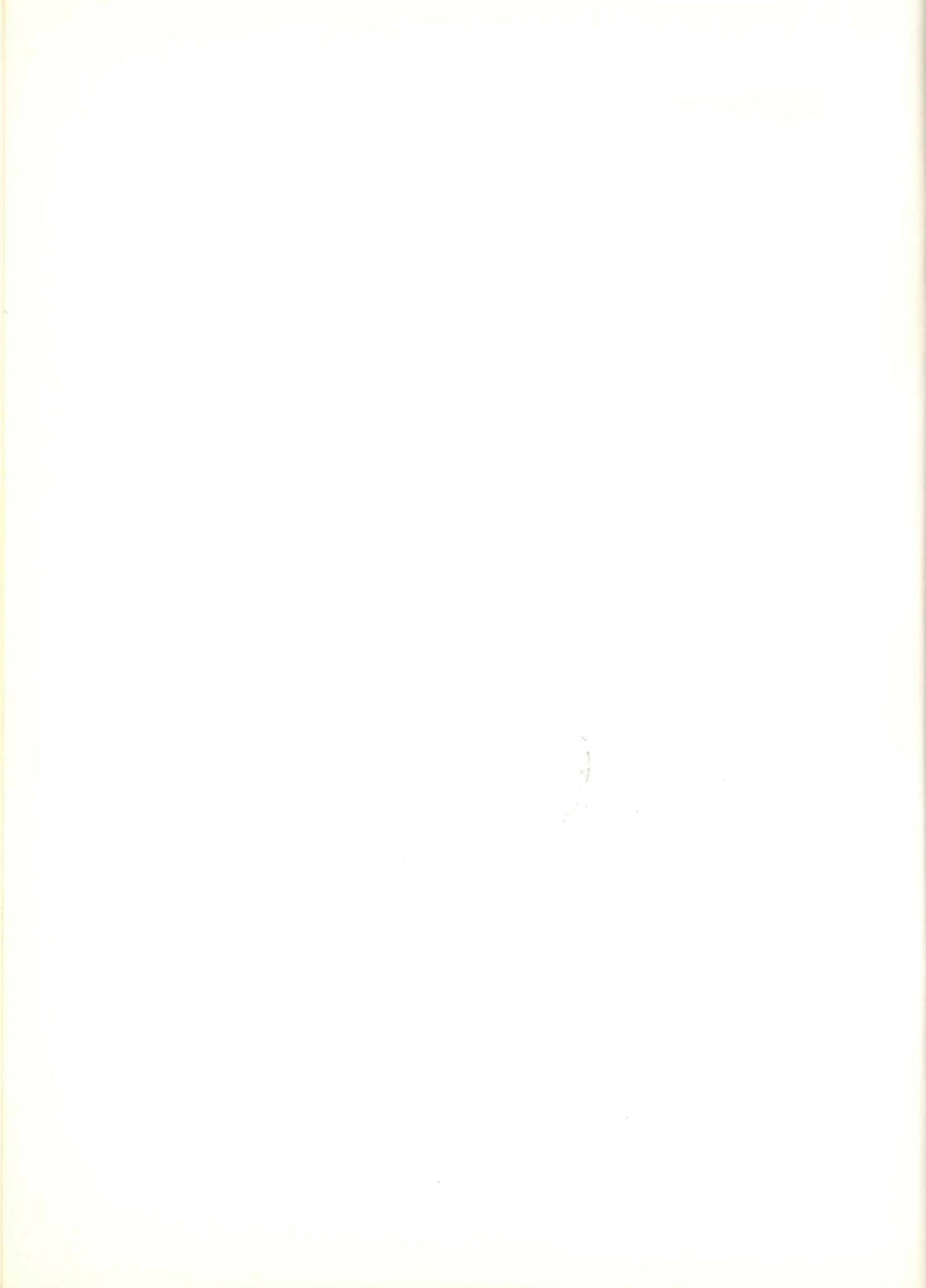
Poesia  
seria  
idealizar  
tua beleza,  
teus encantos de mulher,  
antes de te encontrar?

Poesia  
é simplicidade,  
pureza, claridade  
e sonho?

Poesia  
é música das fontes  
e dos riachos  
ao descer dos montes?

Poesia  
é o trinado  
das aves, na alvorada  
ao sol nascente  
ou à tardinha em fogo  
na paisagem  
tinta de poente?

— Poesia  
é um grito  
de ansiedade  
tão profundo,  
que não tem eco  
na pequenez do mundo!



## ***Indefinição***

Amor  
é, meu amor,  
o néctar divinal  
das horas de avidez  
das bocas que se beijam,  
dos corpos que se tocam, a sentir  
as vibrações  
da eterna sinfonia do silêncio?

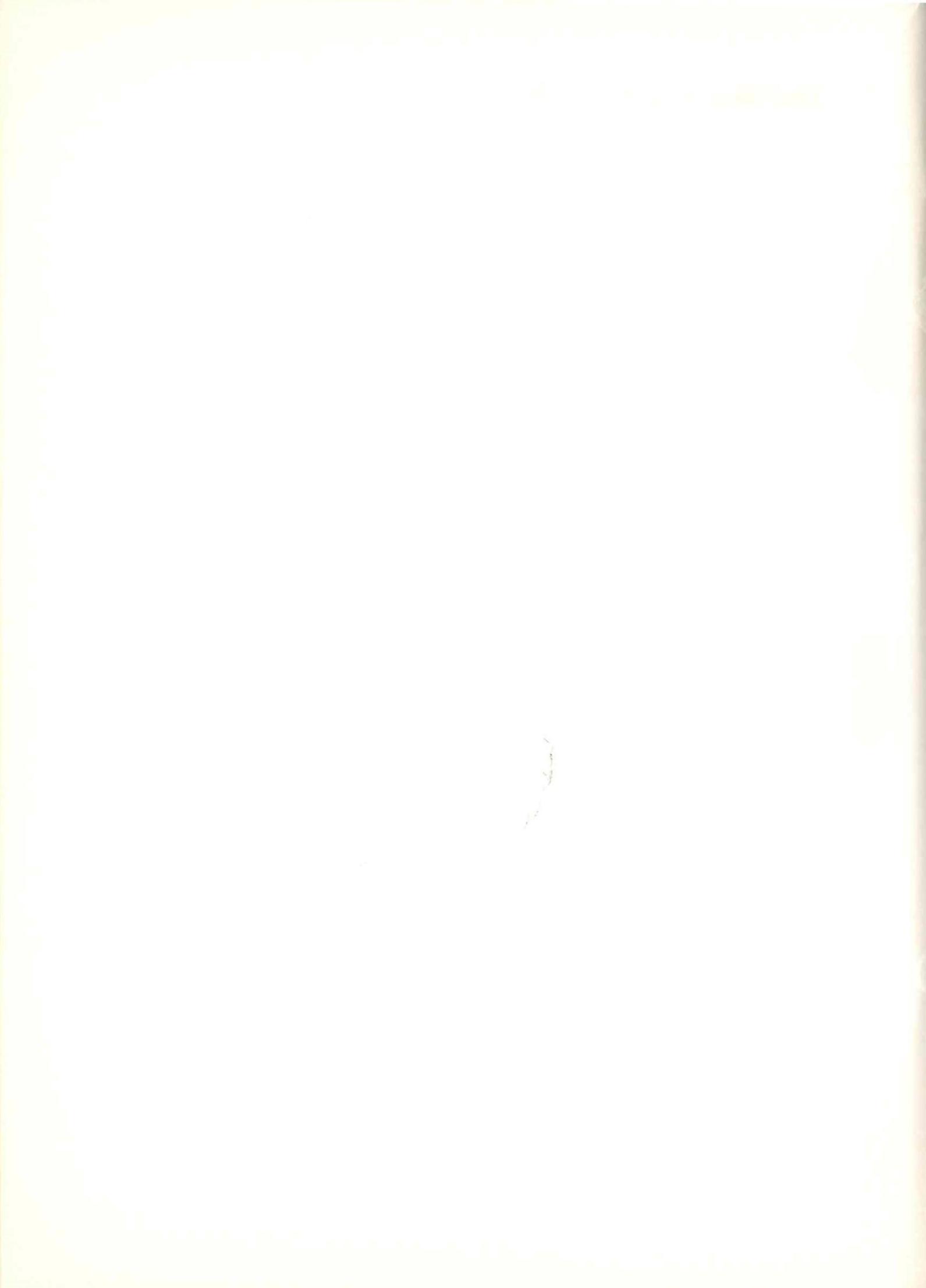
Amor  
é, meu amor,  
a catedral erguida em nossos braços  
enlaçados  
na vivência das horas de ternura?

— Ó meu Amor,  
o amor é tudo aquilo que se sente  
e não se diz,  
porque as palavras  
são pequenas  
e não sabem, não podem definir  
a grandeza do Amor e do sentir!



## **Pedido**

Um dia (que talvez não venha longe),  
quando vires embaciada  
a vidraça dos meus olhos  
é certo que parti  
para a grande viagem sem regresso.  
Não quero ouvir de ti  
soluços de saudade, nem saber  
que tu choraste lágrimas de dor;  
só quero, meu Amor,  
que todas as manhãs, ao despertar,  
sejas capaz de recordar  
que já não tens quem mais te amou na vida.  
E sentirás melhor esta verdade  
após minha partida  
quando soar a hora da saudade.



## ***Dor interrogativa***

Quem fez de mim  
a pedra dos caminhos  
por onde todos passam?

Quem me roubou  
aquelas horas  
de beleza  
que eram minhas?

Quem me deu olhos  
para ver  
e me vendeu,  
coração para amar  
e me amordaçou,  
alma para sentir  
e me prendeu as asas  
com cadeias  
invisíveis  
p'ra não poder voar  
por esse espaço  
do infinito  
que é só meu?



## ***Se soubesses...***

Se tu soubesses  
o que dizem os meus olhos  
quando fitam  
a beleza dos teus olhos...

Se tu soubesses  
o que penso, quando miro  
de soslaio  
a silhueta do teu corpo...

Se tu soubesses  
o que sinto, quando vejo  
teus cabelos  
desgrenhados  
a bailar ao som do vento...

Se tu soubesses  
o que vejo, lá no fundo,  
bem no fundo  
do cristal do teu sorriso...

Se tu soubesses  
a secura dos meus lábios  
quando sentem  
que estão perto  
da secura dos teus lábios...

Se tu soubesses  
tanta coisa que não sabes...

Se tu sentisses  
tanta coisa que não sentes...

Se tu sonhasses  
tanta coisa que nem sonhas!

## **Erupção**

Teus braços  
levezinhos  
eram feitos de sonho, de magia...

As tuas mãos  
eram macias  
como se fossem rosas, cor dum sonho...

A tua boca  
era romã  
virada ao sol  
deusa malífera e pagã  
sempre a embeber-me num fascínio...

Teus seios,  
dois pombinhos inocentes  
mais pareciam neve a desfolhar...

Os teus cabelos  
eram fumo  
a bailar na volúpia dos meus olhos...

Depois...  
só nós sabemos  
aquilo que o silêncio fez de nós!



## ***Dádiva***

Abomino o amor interesseiro  
por dinheiro  
comprado e vendido  
sem sentido  
da dádiva amorosa,  
sem beijos cor de rosa  
nem sangue rutilante, a crepitar  
nas veias, em constante fervilhar,  
nem braços estendidos em carícias  
nem doces melopeias  
de música suave, da canção  
que soa na amplidão  
sem fim  
de cada coração  
em ara de oferenda  
e mística oração!

O amor  
tem de brotar  
como o desabrochar  
de cada flor  
num roseiral  
e tem de ser  
prazer e dor,  
satisfação e anseio,  
alegria e saudade,  
ideal, calor, desejo  
— a imensidão dum mundo que sentimos  
sem saber dizer  
e nossos lábios mudos  
silenciosamente  
condensam num só beijo!



## **Redondilhas**

Se te quero, meu amor,  
não te quero sem ardor  
nem te quero por querer;  
não te engano nem te minto  
quero dizer-te o que sinto  
mas sinto e não sei dizer!

Dizer o amor que se tem  
no coração, por alguém  
que se quer intensamente,  
não é dizer definindo  
o amor que se está sentindo  
—ninguém diz o amor que sente!

Hás-de ver, que, se algum dia  
sentires a nostalgia  
da saudade, por alguém  
que muito amaste, é na dor  
que definirás o amor  
sem o dizeres a ninguém.

Quem ama, dá-se, inteirinho  
sem arrear caminho,  
pois, amor com restrições  
é desamor, é frieza,  
calculismo ou tibieza  
e não une os corações.

Em certo dia, senti  
que já estava preso a ti  
mas sentiste, num momento,  
tudo aquilo que eu sentia  
e nenhum de nós, dizia  
ao outro, seu sentimento.

Eu não me tento afastar  
de ti. Seria atentar  
contra as leis do próprio fado  
e, se meu fado é sofrer  
por este amor, quero ter  
a dor com que fui fadado.

## **Apontamento**

Este era o dia  
da confissão geral  
naquela freguesia  
— igual ao meu torrão, à minha aldeia  
purinha como a luz duma candeia  
acesa, com azeite virginal,  
p'ra alumiar as noites seroeiras  
dos meus tempos distantes de criança  
— e então, havia  
nos confessionários  
tantos penitentes  
que parecia,  
aos olhos visionários  
de inocentes,  
estar a renascer um novo Sol  
em raios matinais  
dum arrebol de Luz,  
com almas renovadas, renascidas,  
redimidas  
no arrependimento, contrição  
e dor do coração.

Mas este dia penitencial  
havia sido há muito preparado  
pelo Pastor da aldeia  
com extremos de zelo, pois sofria  
a dor, a torturá-lo, dia a dia,  
de ver o seu rebanho tresmalhado,  
fracturado  
por uma arremetida diabólica  
que o dividiu, por uma tal cisão  
que já nem um irmão  
amava o seu irmão!

Precisava inculcar fraternidade  
a cada um  
que tornasse possível a unidade  
em sua paroquial comunidade  
formada pelos filhos tão amados  
e que, em nome do Pai,  
à sua guarda foram confiados.

E para amenizar a sua dor  
fez encargo a um zeloso pregador  
de preparar aquelas confissões  
com série de incisivas pregações  
em que seriam abordados  
os temas inerentes aos pecados  
pois que, com bem profunda gravidade  
feriam a filial comunidade.

Iniciou-se a pregação  
e o Orador  
dissertando, em sessões preparatórias  
frizou como eram tristes e ilusórias  
as levianas tentações  
de alguém sonhar ser o senhor do mundo  
que só a Deus pertence e não a nós  
seres contingentes, pobres criaturas  
que tanta e tanta vez nos esquecemos  
de que não somos mais que o triste pó  
em que Deus insuflou as nossas almas,  
criadas pelo Ser que é,  
que sempre foi e para quem não há  
o antes de O ser  
mas nos criou à imagem de Si mesmo  
com o fim de nos dar felicidade  
sem fim, no Céu, por toda a eternidade  
impondo-nos a Lei  
que temos de cumprir  
de O amar, e, por amor de Si,  
não tentarmos odiar ou desprezar  
enxovalhar nem malquerer  
nosso irmão que caminha, lado a lado,  
e que terá de ser considerado  
como vontade e criação de Deus  
e não poderá ser caluniado  
sem cortarmos a nossa ligação  
ao Criador  
com a interrupção pelo pecado.

Para recuperar o bem perdido,  
para voltar a Deus  
na Sua Graça,  
teremos de pedir humildemente  
perdão, àquele que ofendemos  
num gesto simples de estender de mão,  
dizendo-lhe: — «*ofendi-te, meu irmão,  
caluniei-te, sei que denegri  
a tua imagem  
apenas por vingança, por maldade  
mas venho aqui pedir o teu perdão  
agora, que me sinto arrependido  
e que prometo  
já começar a reparar o mal  
assumindo o que disse contra ti;  
eu vou dizer a todos que menti  
só porque te queria enxovalhar.  
Mas pedirei a Deus p'ra me ajudar  
a reparar a dor que te causei  
e penalizarei  
o meu orgulho, pela humilhação:  
Irmão,  
por caridade dá-me o teu perdão!*»

E as prédicas do sábio Pregador  
foram pronunciadas com ardor  
inflamado por tal entusiasmo,  
tal intuição,  
que quebrariam, uma a uma  
as fibras dum ferrenho coração  
empedernido  
em qualquer pecador arrependido.

Só nunca poderia, o Orador  
ali como enviado do Senhor,  
desconfiar ou conceber a ideia  
de estar a dirigir-se a uma plateia  
aonde havia, apenas  
meia dúzia de justos, semeados  
no meio duma corja de cevados  
a quem o Mestre, há séculos diria:  
— *Almas de víbora, sepulcros branqueados!*  
— a plebe de alma dura,  
hipócrita, manhosa,  
cordeirinhos com alma de raposa,  
almas ferinas, antros farisaicos  
embuçados em rostos de criança  
de loiras cabeleiras,  
com que se mascararam  
para encobrir o esterco, a podridão  
dos meandros recônditos da alma  
em decomposição;  
e a sua presença lá na igreja  
foi só para mostrar,  
para fazerem crer  
que desejavam caminhar na vida  
com rectidão, na fé.

Por isso, pecadores e ofendidos  
poderiam viver o seu perdão,  
sentir a hora  
da justiça, da reconciliação?  
Responda quem souber, que eu não sei, não!

Findara a pregação, e o Sacerdote,  
que tanto esforço houvera dispendido,  
considerou em cada ser cristão  
deste auditório  
um puro coração arrependido.  
Mas desgraçadamente  
a verdade era muito diferente.  
Havia, em cada rosto esbranquiçado  
com a pureza dum ebúrneo luar  
de lua cheia,  
apenas um embuste a encobertar  
o mais negro morrão duma candeia  
a fumegar!  
No fundo mais recôndito, escondido  
e reservado, o ego impenetrável  
onde não cabe o halo da aparência,  
morrera, há muito, o santo imperturbável  
e vivia o demónio em pura essência!

Mas veio o dia puro, o dia santo  
da comunhão no Corpo do Senhor  
distribuído à «sã» comunidade  
recentemente penitenciada  
por esse tão querido Sacramento  
da Confissão,  
que transforma a alma impura e aviltada  
pelo pecado, pelo desamor,  
numa virgínia rosa, numa flor,  
na Paz interior, no sentimento  
indizível  
do retorno ao Rebanho do Senhor.

Em duas filas, íam, lado a lado,  
meia dúzia de justos, bem serenos  
no meio das ovelhas tresmalhadas  
duramente obstinadas  
no sacrilégio duma confissão  
em que negaram reparar o dano  
causado por calúnias propaladas,  
insultos, violência, humilhação.

E um a um se foram abeirando  
e colocando  
em suas bocas sujas  
o Corpo do Senhor  
para habitar seus templos conspurcados,  
sem terem sido limpos dos pecados

.....  
— Senhor, disseste um dia à multidão  
que procurava a tua voz serena  
em que raiava a Luz da Vida Eterna,  
para ninguém jamais se aproximar  
de Ti  
sem procurar, primeiro, o seu irmão  
com quem tivera agastos  
e liquidar o dano, a divisão;  
vê como poderia  
esta que, agora, se abeirou de Ti  
dizendo: — *eu não sou digno  
que venhais a mim,  
mas a Vossa palavra, que é perdão  
me salvará,*  
atrever-se a rezar esta oração  
com a alma atafalhada de vileza  
— orgulho e sanha ardente de vingança  
a recheiar um antro apodrecido  
e idolatrado como joia rara!

Pior que recolher num roseiral  
as flores puras a desabrochar  
de fimbrias virgens a beijar o sol  
e alcatifar, com elas, um chiqueiro  
que se destina a um curro de animais  
cujo *habitat* é o antro de estrumeiras,  
é o acto inconcebível, impensável  
e repugnante a um ser inteligente,  
de, nesse mesmo charco nauseabundo  
hospedar, na maior indiferença  
o grande Rei que sois, Senhor do mundo,  
ó Ser, ó Imensidão, ó Onnipotência!

.....  
— Relíquia da Colina Verdejante  
alcandorada no penhasco altivo,  
quem disse que mais bela outra haveria  
no Vale cor de sonho do meu Rio?  
Ó terra linda, casto roseiral  
onde florescem lírios e açucenas  
e as aves, num gorgueio divinal  
festejam alvoradas e verbenas!  
Torrão paradisiáco, ó encanto,  
onde está tua gente, almas de crença  
que rezavam na igreja com fervor  
e faziam serões à luz do luar  
e à volta da lareira crepitante?  
Onde estão seus fervores patriarcais  
que Mães, durante séculos sem conta  
lhes deram, em seu leite de alvos seios?  
Quando ressurgirás da tua cinza  
em rediviva terra bonançosa  
para satisfação de meus anseios?



## ***Epilogo***

Parei aqui. Agora, vou prender  
meu barco nas amarras deste cais  
até que possa regressar, um dia,  
para continuar  
meu rumo  
em direcção a um porto bem distante.

Daqui, leitor, vou despedir-me agora  
até um dia,  
breve certamente  
porque a poesia  
é a imensidão dum Mar que me fascina  
— ondas roliças a brincar na espuma  
e a chamar por mim  
p'ra me envolverem, p'ra me darem Sal  
com que mitigo esta avidez sem fim  
de Mar, mais Mar!  
Por isso, quero ainda regressar!

*Verão de 88*



Composto e Impresso na  
Gráfica Casa dos Rapazes  
4900 Viana do Castelo-1988





biblioteca  
municipal  
barcelos



15509

Outonias